

Denise Rocha
(Organizadora)

Matizes na Literatura Contemporânea 2



Atena
Editora
Ano 2021

Denise Rocha
(Organizadora)

Matizes na Literatura Contemporânea 2



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof^ª Dr^ª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof^ª Dr^ª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof^ª Dr^ª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof^ª Dr^ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª Dr^ª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof^ª Dr^ª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof^ª Dr^ª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof^ª Dr^ª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^ª Dr^ª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof^ª Dr^ª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof^ª Dr^ª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof^ª Dr^ª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª Dr^ª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Antonio Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Denise Rocha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M433 Matizes na literatura contemporânea 2 / Organizadora
Denise Rocha. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-703-1

DOI 10.22533/at.ed.031212701

1. Literatura. I. Rocha, Denise (Organizadora). II. Título.
CDD 801

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A coleção “Matizes da literatura contemporânea 2” é uma obra que tem como foco principal a discussão científica por intermédio de catorze capítulos: 1- Literatura e Resistência: ecos da opressão no romance *Selva Trágica*, de Jesuíno Arvelino Pinto; 2- “Colheita” e “Penélope”: um diálogo intertextual, de Neila da Silva de Souza; 3- Narrativas imagéticas, históricas e histórico-ficcionais: *Musa Praguejadora*: a vida de Gregório de Matos (2014), de Ana Miranda, de Denise Rocha; 4- Vermelho Amargo: Doce amor de mãe, de Neila da Silva Souza; 5- Narrativa diaspórica e posicionamento na relação entre ocidente e oriente, de Loiva Salette Vogt; 6- Do quadrado ao círculo: projetos de máquinas de leitura das narrativas de Julio Cortázar e Amílcar Bettgega, de Adriana de Borges Gomes e Mike Sam Chagas; 7- A moenda e a saudade: pintura e música em Da Costa e Silva, de Raimunda Celestina Mendes da Silva; 8- *Contagem Regressiva*, um experimento poético de Ana Cristina César, de Dulce Maurília Ribeiro Borges; 9- O discurso jovem: construção e avaliação através da literatura de cordel, de Paulo Roxo e Claudia Regina Lemes; 10- “Ele vai ser famoso, uma lenda”: o fenômeno cultural *Harry Potter*, de Fellip Agner Trindade Andrade; 11- Em cena: a bruxa, a diva dos contos de fadas, de Valdiney Valente Lobato de Castro; 12- A relação entre personagens e experiências em leituras literárias de alunos de anos iniciais: um estudo, de Rosa Maria Hessel Silveira, Edgar Roberto Kirchof e Maria Isabel Dalla Zen; 13- Por uma teoria da literatura aplicada como campo específico dos estudos literários, de Michelin Madureira Lage e 14- Alteridade na literatura feminina, de Valdivia Vania Siqueira Beauchamp.

O volume abordará de forma categorizada e interdisciplinar trabalhos, pesquisas e relatos que transitam nos vários caminhos da literatura e suas relações com as outras ciências e artes, a teoria e o ensino.

O objetivo central foi apresentar de forma categorizada estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do país. Em todos esses trabalhos a linha condutora foi, de um lado, o aspecto relacionado às abordagens das tendências contemporâneas das obras literárias: hibridização das formas, intertextualidade, experimentalismo, polifonia, paródia, ironia, dialogismo, metaficção historiográfica, discurso, criação coletiva etc. Os temas escolhidos refletem o diálogo interartístico e interdisciplinar da literatura, imerso nas reflexões sobre a sociedade contemporânea: exílio, gênero, preconceito, cultura, oralidade, classe social, exploração, etnia, testemunho, opressão, entre outros. E, de outro, a aplicabilidade do letramento literário.

Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de fundamentar o conhecimento de todos aqueles que de alguma forma se interessam pela literatura em seus aspectos interdisciplinares.

Deste modo a obra “Matizes da literatura contemporânea 2” apresenta uma teoria bem fundamentada nos resultados práticos obtidos pelos diversos professores e

acadêmicos que arduamente desenvolveram seus trabalhos que aqui serão apresentados de maneira concisa e didática. Sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores exporem e divulguem seus resultados.

Denise Rocha

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
LITERATURA E RESISTÊNCIA: ECOS DA OPRESSÃO NO ROMANCE <i>SELVA TRÁGICA</i> Jesuino Arvelino Pinto DOI 10.22533/at.ed.0312127011	
CAPÍTULO 2	13
“COLHEITA” E “PENÉLOPE”: UM DIÁLOGO INTERTEXTUAL Neila da Silva de Souza DOI 10.22533/at.ed.0312127012	
CAPÍTULO 3	25
NARRATIVAS IMAGÉTICAS, HISTÓRICAS E HISTÓRICO-FICCIONAIS: MUSA PRAGUEJADORA: A VIDA DE GREGÓRIO DE MATOS (2014), DE ANA MIRANDA Denise Rocha DOI 10.22533/at.ed.0312127013	
CAPÍTULO 4	43
VERMELHO AMARGO: DOCE AMOR DE MÃE Kátia de Oliveira Carvalho Marília Gabriela Barros de Moraes Claudia Miranda da Silva Moura DOI 10.22533/at.ed.0312127014	
CAPÍTULO 5	52
NARRATIVA DIASPÓRICA E POSICIONAMENTO POLÍTICO NA RELAÇÃO ENTRE OCIDENTE E ORIENTE Loiva Salete Vogt DOI 10.22533/at.ed.0312127015	
CAPÍTULO 6	59
DO QUADRADO AO CÍRCULO: PROJETOS DE MÁQUIAS DE LEITURA DAS NARRATIVAS DE JULIO CORTÁZAR E AMILCAR BETTEGA Adriana de Borges Gomes Mike Sam Chagas DOI 10.22533/at.ed.0312127016	
CAPÍTULO 7	71
A MOENDA E SAUDADE: PINTURA E MÚSICA EM DA COSTA E SILVA Raimunda Celestina Mendes da Silva DOI 10.22533/at.ed.0312127017	
CAPÍTULO 8	78
<i>CONTAGEM REGRESSIVA</i> , UM EXPERIMENTO POÉTICO DE ANA CRISTINA CESAR Dulce Maurília Ribeiro Borges DOI 10.22533/at.ed.0312127018	

CAPÍTULO 9	92
O DISCURSO JOVEM: CONSTRUÇÃO E AVALIAÇÃO ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL	
Paulo Roxo Barja Claudia Regina Lemes	
DOI 10.22533/at.ed.0312127019	
CAPÍTULO 10	102
“ELE VAI SER FAMOSO, UMA LENDA”: O FENÔMENO CULTURAL <i>HARRY POTTER</i>	
Fellip Agner Trindade Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.03121270110	
CAPÍTULO 11	108
EM CENA: A BRUXA, A DIVA DOS CONTOS DE FADAS	
Valdiney Valente Lobato de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.03121270111	
CAPÍTULO 12	118
A RELAÇÃO ENTRE PERSONAGENS E EXPERIÊNCIAS EM LEITURAS LITERÁRIAS DE ALUNOS DE ANOS INICIAIS: UM ESTUDO	
Rosa Maria Hessel Silveira Edgar Roberto Kirchof Maria Isabel Dalla Zen	
DOI 10.22533/at.ed.03121270112	
CAPÍTULO 13	128
POR UMA TEORIA DA LITERATURA APLICADA COMO CAMPO ESPECÍFICO DOS ESTUDOS LITERÁRIOS	
Micheline Madureira Lage	
DOI 10.22533/at.ed.03121270113	
CAPÍTULO 14	145
ALTERIDADE NA LITERATURA FEMININA	
Valdivia Vania Siqueira Beauchamp	
DOI 10.22533/at.ed.03121270114	
SOBRE A ORGANIZADORA	151
ÍNDICE REMISSIVO	152

“COLHEITA” E “PENÉLOPE”: UM DIÁLOGO INTERTEXTUAL

Data de aceite: 04/01/2021

Data submissão 13/10/2020

Repetir, repetir até ficar diferente.

Repetir é um dom de estilo.

(Manoel de Barros)

Neila da Silva de Souza

Póslit/ UNB

Brasília/ DF

<http://lattes.cnpq.br/3895353385691167>

<https://orcid.org/0000-0002-2073-4947>

RESUMO: Como se sabe, em “Odisseia”, de Homero, durante a ausência de Ulisses, Penélope fica a esperá-lo fielmente. Após séculos, encontramos a continuidade desse enredo nos mais variados autores, dentre eles, nos contos “Penélope”, de Dalton Trevisan e “Colheita”, de Nélide Piñon. Os escritores absorvem o texto original da épica homérica e inauguram um novo discurso da situação conjugal e trazem à tona sentimentos banalizados pela vida cotidiana. O diálogo entre os dois textos, mais especificadamente, entre as duas protagonistas, apresenta o eu feminino que vive oprimido pelo sistema de valores dominantes, uma vez que se encontram inseridas em situações de sujeição em relação aos esposos. A partir desse viés, analisa-se, neste artigo, a constituição das personagens femininas nos dois contos sob a perspectiva de mostrar a submissão da mulher em um espaço cheio de amarras patriarcais, que começou a ser

representada, segundo Adorno e Horkheimer, por meio da personagem Penélope.

PALAVRAS - CHAVE: Patriarcalismo. Intertextualidade. Colheita. Penélope.

“COLHEITA” E “PENÉLOPE”: AN INTERTEXTUAL DIALOGUE

ABSTRACT: As we know, in Homer’s “Odyssey”, during Ulysses’ absence, Penelope is faithfully waiting for him. After centuries, we find the continuity of this plot in the most varied authors, among them, in the short stories “Penélope”, by Dalton Trevisan and “Colheita”, by Nélide Piñon. The writers absorb the original text of the Homeric epic and inaugurate a new discourse on the marital situation and bring out trivialized feelings for everyday life. The dialogue between the two texts, more specifically, between the two protagonists, presents the female self that lives oppressed by the dominant value system, since they are inserted in situations of subjection in relation to their spouses. Based on this bias, in this article, the constitution of female characters in both stories is analyzed from the perspective of showing the submission of women in a space full of macho chambers, which began to be represented, according to Adorno and Horkheimer, in the character Penelope.

KEYWORDS: Patriarchalism. Intertextuality. Colheita. Penelope.

1 | SOCIEDADE PATRIARCAL E INTERTEXTUALIDADE

Adorno e Horkheimer em “Ulisses ou mito e esclarecimento” apoiam-se na tradição épica homérica para nos mostrar que a “Odisseia” é um dos mais precoces e representativos testemunhos da civilização burguesa Ocidental, sendo Ulisses o representante da ordem patriarcal. (1985, p.09). Para os autores, a configuração do indivíduo burguês, tal como podemos concebê-lo, atualmente, já continha alguma visibilidade na época de Homero, supondo, também, vestígios do atual sistema socioeconômico que lhe determina as suas características. O principal objetivo do esclarecimento é libertar os homens por meio do saber (razão), contudo, essa razão acabou sendo usada como um instrumento de dominação.

Um dos momentos apontados pelos estudiosos, no texto, ocorre quando Ulisses logra, com ajuda de Hermes, à Circe, deusa que transforma os homens em animais. Segundo os autores, Circe representa as mulheres que se submetem aos homens na sociedade patriarcal, uma vez que a sedutora deusa mostra-se vulnerável e se inclina a Ulisses; ele consegue dominá-la, e torná-la sua amante. De acordo com Adorno e Horkheimer, Circe pode ser considerada a mulher que possui liberdade sexual, porém é submissa a Ulisses:

Como representante da natureza, a mulher tornou-se, na sociedade burguesa, a imagem enigmática da sedução irresistível e da impotência. Ela espelha assim para a dominação, a vã mentira que substitui a reconciliação pela subjugação da natureza. (1985, p.77).

Circe simboliza também, nessa sociedade patriarcal, as mulheres que satisfazem as fantasias sexuais masculinas fora do casamento, consideradas necessidades passageiras, do prazer, sem formalidades. Já Penélope, é a mulher tradicional, acatada como a ideal para se casar, ter filhos, pois é fiel e fica à espera do esposo. Tal concepção revela a importância dada ao casamento na sociedade patriarcal e a desvalorização das mulheres como Circe e a valorização da mulher que tenha comportamento parecido com o de Penélope.

Não apenas nesse momento que Ulisses representa o protótipo burguês, ao retornar para Ítaca também. O canto das Sereias ameaça a ordem patriarcal, mas o soberano tem que voltar. Ulisses regressa, usando de artimanhas para conseguir chegar até Penélope. Circe, representa a imagem da mulher como natureza, como a “cópia calcada no positivo da dominação” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.83), e implica a posição objetificada e dominada na qual a civilização colocou a imagem da feminilidade que foge ao estereótipo de Penélope. Ulisses, objetifica tanto Circe quanto Penélope, pois enquanto uma evidencia que a imagem da mulher como natureza serve apenas para cumprir seus desejos sexuais, a outra cumpre o papel que a sociedade burguesa exige. Assim, Ulisses depara-se com uma esposa que enganou vários pretendentes, tecendo manto pela manhã e o desmanchando à noite. Com isso, Penélope consegue enganar aos homens que solicitaram casamento e permanecer fiel a Ulisses durante anos. Circe e Calipso foram amantes de Ulisses durante

seu périplo, mas nada disso importa à Penélope, como esposa submissa, não questiona, permanecendo calada. Vejamos:

O casamento é a via média que a sociedade segue para se acomodar a isso: a mulher continua a ser impotente na medida em que o poder só lhe é concedido pela mediação do homem. O casamento plenamente configurado com Penélope, literariamente mais recente, representa um estágio posterior da objetividade da instituição patriarcal. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p.78).

Na sociedade patriarcal, o homem é a autoridade máxima, precisa auto firmar-se, o casamento não deve ser desfeito, a mulher é governada pelo homem, não possui voz, e aceita-se a infidelidade como algo irrelevante para o casamento, tem somente o direito de procriar. Diante disso, na sociedade patriarcal, a mulher deve seguir o exemplo de Penélope, eternamente à espera de seu Ulisses, sem questionar posicionamentos com os quais não concorda ou aceitar a considerada natureza masculina em relação aos prazeres extraconjugais.

Para Lúcia Osana Zolin, no livro “Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas” (2005), no contexto de masculinidade hegemônica, a mulher é vista como mulher objeto e como mulher sujeito. A mulher-objeto caracteriza-se pela resignação, pela conformidade de sua condição inferior, definindo-se pela submissão e pela subserviência, conseqüentemente, desprovida de voz, enquanto a mulher-sujeito é aquela qualificada pela insubordinação, pela subversão da ordem dos padrões estabelecidos, pelo seu poder de decisão e de imposição da sua vontade. (ZOLIN, 2005, p.183).

É desta forma que a condição feminina foi e continua norteadada pela hegemonia patriarcal. Por mais que a mulher tenha procurado resistir à submissão masculina, manifestando-se na literatura, nas artes, na política, no mercado de trabalho, entre outros, ela continua destinada ao estereótipo da mulher que precisa ser boa dona de casa, boa mãe e boa esposa sempre marcada pelo silêncio, como dizem Adorno e Horkheimer, Penélope é uma das personagens da literatura que representa essa mulher na sociedade burguesa.

Neste contexto, os contos “Penélope”, de Dalton Trevisan e “Colheita”, de Nélida Piñón, trazem a personagem Penélope com uma nova roupagem. O conto “Penélope” apresenta uma mulher que é submissa ao companheiro, e por sofrer violências psicológicas, tece a própria morte. Em “Colheita”, a mulher fica à espera do esposo que faz uma longa viagem, enquanto ela fica em uma aldeia a esperá-lo, buscando a sua própria identidade.

A partir dos enredos dos contos mencionados, constatamos que o tempo gosta de repetir as inúmeras histórias, no entanto, ao serem recontadas, algo novo lhes são acrescentadas. Já diz Jorge Luis Borges em seu texto “O narrar uma história” que as histórias se repetem, principalmente, a história de Tróia, de Ulisses, e de Jesus: “por mitos séculos, essas três histórias têm sido suficientes à humanidade. As pessoas as têm contado e recontado muitas e muitas vezes; elas foram pintadas, musicadas, porém

elas continuam ali, ilimitadas”. (2000, p.55). Ele acrescenta que a “Odisseia” seja talvez a história mais primorosa que jamais tenha sido escrita ou contada, e, por isso, os enredos derivam somente de uns poucos modelos e acabam por serem semelhantes entre si.

Podemos concordar com Borges no que diz respeito à continuidade da repetição do enredo de Odisseia, devido à sua imponente. Talvez seja, por isso, que tanto se faz intertextualidade com esta obra, seja entre os prosadores, seja entre os poetas. Nem a teoria literária escapa de sempre mencionar a Odisseia como exemplo para comentar as transformações do herói, do novo jeito de narrar, da separação entre prosa e poesia, do tecer da escrita ou como acabamos de ver em “Dialética do esclarecimento”, de Adorno e Horkheimer, para explicar a formação do protótipo burguês desde a épica grega, prevista pelo romance. Dessa maneira, os textos sempre são retomados. Júlia Kristeva em “Introdução à semanálise” afirma que:

[...] a linguagem poética surge como um diálogo de textos: toda sequência se constrói em relação a uma outra provinda de outro corpus, de modo que toda sequência está duplamente orientada para o ato de reminiscência e para o ato de intimação. O livro remete a outros livros e pelos modos de intimar, confere a esses livros um novo modo de ser, elaborando assim sua própria significação. (1974, p.98).

Nas palavras de Júlia Kristeva, a repetição projeta uma continuidade, por isso, Leyla Perrone Moisés, corrobora com o pensamento da autora e afirma que sempre existiu o inter-relacionamento de discursos literários. Verificamos que a continuidade não se trata de imitação, conforme MOISÉS reinscrever esses arquétipos, é fazer algo novo, uma vez que é importante valer-se da assimilação e realizar em termos de reelaboração ilimitada da forma e do sentido, em termos de apropriação livre, sem que vise o estabelecimento de um sentido final.” (2005, p. 60).

Portanto, essa forma de inter-relacionamento é uma maneira de refratar o discurso original na composição de um novo enunciado linguístico. É o que vislumbramos em Dalton Trevisan e Nélide Piñon ao absorverem o discurso original da “Odisseia”. Os dois contos, “Penélope” e “Colheita”, entrecruzam-se, revelando o conflito existencial de duas protagonistas oprimidas que precisam lutar para sair da situação de subserviência matrimonial.

2 I “PENÉLOPE”: O RETRATO DA MUDEZ

O conto “Penélope” pertence ao livro “Novelas nada exemplares”, lançado em 1959. O enredo caminha pelo discurso de um narrador em terceira pessoa, em que um casal de idosos tem sua vida monótona alterada por uma série de cartas anônimas que provocam a desconfiança do marido. O velho põe em questionamento a fidelidade da esposa, enquanto isso, a velha tece sua toalinha. Ela fica à espera do esposo, mas não

de alguém que fora viajar, mas o retorno do esposo que fora um dia.

O próprio nome do conto já remete à esposa de Ulisses, chamando atenção para o ato de a mulher tecer a sua toalhinha enquanto espera o esposo, assim como Penélope: “Naquela rua mora um casal de velhos. A mulher espera o marido na varanda, tricoteia em sua cadeira de balanço.” (TREVISAN, 2004, p. 170). A estrutura do conto é marcada apenas por duas personagens que não dialogam e são desprovidas de nomes, há referências apenas como a mulher, a velha, o marido, o velho. Há em certos momentos a demonstração do contraste entre o comportamento delicado da velha e o lado rude do velho:

Por vezes, na ausência do marido, ela traz um osso ao cão vagabundo que cheira o portão. Engorda uma galinha, logo se enternece, incapaz de matá-la. O homem desmancha o galinheiro e, no lugar, ergue-se caco feroz. Arranca a única roseira no canto do jardim. Nem a uma rosa concede o seu resto de amor. (TREVISAN, 2004, p. 170)

Observamos ainda a representação de um padrão patriarcal quando, na narrativa, o protagonista aparece sempre fumando e lendo jornal, enquanto a velha costurando: “O velho fumando cachimbo, a velha trançando agulhas.” (TREVISAN, 2004, p.170). Isso constata a representação de um casamento tradicional, em que a mulher não trabalha fora de casa, uma vez que fumar e ler jornal são símbolos dos traços identitários do masculino, já o traço marcante dessa mulher é ficar em casa mostrando suas prendas.

No conto, o casal vive uma rotina de sair apenas aos sábados, o velho e a velha sempre passeiam mudos e calados, porém essa monotonia é quebrada quando, ao chegarem do passeio, encontram uma carta anônima:

[...] de volta do passeio, acham a seus pés uma carta. Ninguém lhes escreve, parente ou amigo no mundo. O envelope azul, sem endereço. A mulher propõe queimá-lo, já sofridos demais. Pessoa

Alguma lhes pode fazer mal, ele responde.

Não queima a carta, esquecida na mesa. Sentam-se sob o abajur da sala, ela com o tricô, ele com o jornal. A dona baixa a cabeça, morde uma agulha, com a outra conta os pontos e, olhar perdido, reconta a linha. (TREVISAN, 2004, p. 170).

A partir da carta, o velho inicia as acusações de traição da velha, entretanto ela não se defende. Ao encontrarmos palavras no diminutivo, quando se refere a alguma atitude da velha, como “a dona ergue sua toalhinha/, recolhe a cestinha”, sugere a subserviência da velha perante o companheiro. O fato de conhecer a agressividade do cônjuge, permite que haja receio de uma atitude extremada por parte do velho, e, isso, a faz errar ainda mais os pontos da toalha que tece. Nesse momento, o marido questiona-se:

Toalhinha difícil, trabalhada havia meses. Recorda a lenda de Penélope, que desfaz a noite, à luz do archote, as linhas acabadas no dia e assim ganha tempo de seus pretendentes. Cala-se no meio da história: ao marido ausente enganou Penélope? Para quem trançava a mortalha? Continuou a lida nas agulhas após o regresso de Ulisses? (TREVISAN, 2004, p. 171).

Percebemos, nesse trecho do conto, que existe uma intertextualidade ainda maior com “Odisseia”: o protagonista conhece a história de Ulisses, mas não reconhece Penélope como esposa fiel, acredita que ela o enganou durante os anos de ausência. Nesse sentido, as suspeitas em relação à velha tornam-se cada vez mais exagerada, demonstrando, assim, um comportamento de controle sobre a mulher. A velha, ao sair de casa, é espionada pelo cônjuge, ele se levanta à noite para ver se há alguém rondando a casa, cheira as roupas dela. Diante da suspeita de traição, o velho compra um revólver.

A protagonista do conto condiz, nesse sentido, com as características que moldam a mulher-objeto, em decorrência de sua aceitação, de seu conformismo e de sua passividade em relação às atitudes do esposo, assim como Circe e Penélope diante de Ulisses. A mulher do conto aparece como um ser submisso que aceita a sua condição sem contestar do seu destino.

A atitude da velha evidencia que a mulher fora educada e preparada para receber com resignação as imposições sociais que lhe dizem respeito, ou seja, sujeita-se à sua sina. Notamos, nessa aceitação, que a protagonista, por ter determinada visão da sociedade patriarcal, espera por uma mudança de comportamento do velho, no entanto isso não acontece. Então, diante das desconfianças do marido, a personagem marcada por fragmentos de um existir assinalado por violências psicológicas, borda seu destino:

Uma tarde abre a porta e aspira o ar. Desliza o dedo sobre os móveis: pó. Tateia a terra dos vasos: seca. Direto ao quarto de janelas fechadas e acende a luz. A velha ali na cama, revólver na mão, vestido brando ensanguentado. Deixa-a de olho aberto. Piedade não sente, foi justo. A polícia o manda em paz, longe de casa à hora do suicídio. Quando sai o enterro, comentam os vizinhos a sua dor profunda, não chora. Segurando a alça do caixão, ajuda a baixá-lo na sepultura; antes de o coveiro acabar de cobri-lo, vai-se embora.

(TREVISAN, 2004, p. 172).

O suicídio da personagem, leva-nos a refletir que a mulher vai conduzindo, noite após noite, o fio de sua história, a “toalhinha feita/desfeita” é seu artifício. Os termos presentes, na narrativa, como “costurar” e “desmanchar” correspondem ao vaivém da urdidura, visto que, simbolicamente, representam a vida e a morte. Lembremos que o rito de fiar remete a uma arte antiga, não apenas Penélope lida com o fio: há Ariadne que fornece a Tesseu o fio para ele enfrentar o labirinto; Pandora que aprende a ser tecelã; existem as parcas que tecem a trama dos destinos humanos. Por essa perspectiva, temos a mulher do conto “Penélope” que se distancia da personagem Penélope de Odisseia, visto que, enquanto

uma tece para a morte (velha), a outra tece para a vida (Penélope). O ato de fazer e de desfazer é uma defesa contra a violência doméstica que presencia diariamente, como se previsse a sua morte, a velha decide seu destino, não espera nenhum retorno de Ulisses, bordando, portanto, a própria “mortalha”. Ela, finalmente, corta os fios que a prendem à vida, determinando, então, o momento de sua morte: “Penélope havia concluído a obra, era a própria mortalha que tecia”. (TREVISAN, 2004, p. 171).

O fato de não esperar ser assassinada, salienta que a velha acaba tecendo o destino do marido, pois embaralha ainda mais o mistério deixando-o na eterna dúvida: “Sem prova contra ela, nunca revelou o fim de Penélope”. (TREVISAN, 2004, p.172). Mesmo continuando a receber cartas anônimas após a morte da esposa, julga-se justo, sem remorsos e aliviado. Porém, como dito, ao suicidar-se, a velha o deixa na incerteza da traição. Assim, o esposo fica sem saber se foi justo ou não ao acusá-la. No final, a voz da consciência o fará viver na eterna dúvida, a morte é um alívio num primeiro momento, mas, em uma segunda ocasião, a solidão e o sentimento de culpa o acarretarão em desespero: “[...] e, sentando-se na poltrona, lê o jornal em voz alta para não ouvir os gritos do silêncio.” (TREVISAN, 2004, p. 172).

Compreendemos, portanto, que a velha, ao se submeter às acusações de traições, deixa-se dominar por uma violência psicológica que a leva ao suicídio. Demonstra, desse modo que, enquanto a velha cumpre seu papel de subserviência, o comportamento acusador do velho evidencia sua visão patriarcal em relação à mulher.

3 I “COLHEITA”: O RETRATO DA VOZ

Pertencente ao livro “Sala de armas”, o conto “Colheita” também faz uma intertextualidade com o enredo de “Odisseia”. A narrativa apresenta-nos o encontro, o amor, a separação e o reencontro entre um homem e uma mulher. Da mesma maneira que no conto “Penélope”, não há menção de nome dos personagens, os dois protagonistas são mencionados apenas como o homem, e a mulher. O casal vive em uma aldeia, vivem um casamento com pouco diálogo, e quando há voz surge, é a voz do homem. Em determinado momento da narrativa, o homem deixa a aldeia, e sai em busca de aventuras pelo mundo:

Competiam-lhe andanças, traçar as linhas finais de um mapa cuja composição havia se iniciado e ele sabia hesitante. Explicou à mulher que para amar melhor não dispensava o mundo, a transgressão das leis, os distúrbios dos pássaros migratórios. (PIÑON, 1973, p. 281).

No excerto acima, percebemos que o personagem, notabiliza o representante da ordem patriarcal, pois, para o personagem, assim fazem os homens há muito tempo. No decorrer da narrativa, encontramos palavras como “potro/boi” o que acentua um lado rude do homem no conto, principalmente pelo modo grosseiro de tratar a esposa. Na visão do protagonista, por mais que ame a esposa, ele precisa dominá-la e ter independência:

“insistia na independência. Sempre os de sua raça adotaram comportamento de potro.” (PIÑÓN, 1973, p.282).

Enquanto o homem, desloca-se em busca de novas aventuras, a mulher fica em casa “como os caramujos que se ressentem com o excesso da claridade. Compreendendo que talvez devesse preservar a vida de modo mais intenso, para quando ele voltasse.” (PIÑÓN, 1973, p.282). Ao ficar só, a mulher isola-se, trancando-se dentro de casa. Com isso, a viagem do cônjuge desperta o interesse de outros homens da aldeia em relação a ela: “sempre que passavam pela casa da mulher faziam de conta que jamais ela pertencera a ele. Consideravam disponível, sem marca de boi” (PIÑÓN, 1973, p.282). Para conquistá-la, “enviavam-lhe presentes, pedaços de tocinho, cestas de pera, e poesias esparsas.” (PIÑÓN, 1973, p.282). Mas a mulher rejeita a todos, pois, para ela, esperar fielmente o esposo é o correto: “Em nenhum momento deixava de alimentar [...] seu amor exagerado.” (PIÑÓN, 1973, p.282).

Como se fosse testada, todos da aldeia observam cada atitude da mulher. Algumas pessoas faziam visitas, olhavam dentro de casa para saber como estava, e ela permanecia calada, mostrando, com isso, que o homem ainda reinava dentro de casa. Não apenas a aldeia a sondava, numa tentativa de testificar a esposa, antes de partir, o homem deixara uma fotografia de si na sala. Ao agir assim, ele deixa a própria marca, como se garantisse o lugar até o seu retorno. A mulher, então, passa a rondar o retrato e a questionar-se: “porque você precisou da sua rebeldia, eu vivo só, não sei se a guerra tragou você, não sei sequer se devo comemorar sua morte com o sacrifício da minha vida.” (PIÑÓN, 1973, p.282).

A partir desse questionamento, a casa torna-se pequena, e, diante de todo o tempo de espera, decide desfazer-se do retrato. Essa atitude permiti-lhe um novo modo de enxergar a própria existência. Desaparece, então, o rosto do homem, surge o rosto da mulher, uma vez que, a partir de agora, não precisa mais ter “um rosto proibido desde que crescerá.” (PIÑÓN, 1973, p.281). A mulher, com essa decisão, ocupa um lugar que antes lhe fora negado. Ela, que possuía um “silêncio de ouro”, começa, então, a ter voz e espaço que não tivera. Isso evidencia que ela deixa de ser um simples objeto de dominação masculina. Ao redefinir seu papel na sociedade, ela rompe com a visão patriarcal, principalmente, no momento que se desfaz do retrato, começa a ter voz e a tecer o próprio caminho.

Assim como a velha do conto “Penélope”, a mulher até pensa em matar-se, pois o esposo não dava vestígios de vida, mas “a morte era uma vertente exagerada,” (PIÑÓN, 1973, p.283). Ela começa, então, por um o processo de individualização e autoconhecimento. E “Quando já se tornava penoso em excesso conservar-se dentro dos limites da casa, o homem retorna.” (PIÑÓN, 1973, p.283). Vejamos:

Bateu três vezes, ela não respondeu. Mais três e ela, como que tangida à reclusão, não admitia estranhos. Ele ainda herói bateu algumas vezes mais, até que gritou seu nome, sou eu, então não vê, então não sente, ou já não vive mais, serei eu logo o único a cumprir

Como de costume, o homem chega demonstrando domínio sobre o território. A mulher abre a porta e o aceita novamente: “Então, o que queres fazer aqui? Ele respondeu: quero a mulher. Ela consentiu.” (PIÑON, 1973, p.284). Essa situação mostra que a personagem ainda se submete ao homem. Contudo, o homem que fora em busca de aventuras, assim como Ulisses, ao retornar, encontra-se com uma Penélope diferente: “além de mudar a cor do vestido, antes triste agora sempre vermelho, e alterar o penteado, pois decidira manter os cabelos curtos, aparados rentes à cabeça”. (PIÑON, 1973, p.282). Não apenas a aparência física havia mudado, o homem depara-se com mudanças na casa, e percebe que seu retrato não se encontra onde deixara.

Nesse sentido, o homem percebe que tem um novo desafio, não mundo afora, mas dentro de casa. A expressão “ainda herói” torna-se interessante porque Ulisses regressa para Ítaca divinizado, e contando glórias, agora, o o personagem do conto deixa de ser herói. A partir desse momento, na narrativa, apenas a voz da mulher sobressai, o homem não consegue contar sobre suas viagens. Ele identifica que a mudança não ocorrera com ele, mas com a esposa, o conhecimento que trouxe de suas viagens não foi capaz de dominá-la. Embora a mulher o aceite, ela se torna a heroína da história. Portanto, como vimos, a partir das reflexões de ZOLIN (2005, p.183), entendemos que a protagonista deixa de mulher objeto, a passa a ser mulher sujeito.

Diante do fato de a fotografia não estar onde o homem havia deixado antes de viajar, ele procura impor a sua dominação, e indaga à mulher sobre a imagem: “Quase desistindo encontrou o retrato sobre o armário, o vidro da moldura todo quebrado.” (PIÑON, 1973, p.282). A simbologia do retrato quebrado sugere a quebra de certos paradigmas existentes entre eles, como se ato dominador/dominado se fragmentasse. O homem percebe que a mulher possui mais virtudes do que ele, após seu regresso, sentindo-se sufocado ao ouvir as palavras da mulher, até então sem presença de fala:

Vamos nos falar ao menos agora que eu preciso?, ele disse.
- Tenho tanto a lhe contar. Percorri o mundo, a terra, sabe, e além do mais...
Eu sei, ela foi dizendo depressa, não consentindo que ele dissertasse sobre a variedade da fauna... (PIÑON, 1973, p.284).

As palavras da mulher permitem com que o homem perceba que ela possui um conhecimento maior que o dele. Algo que o personagem não compreende é como a companheira conseguiu atingir determinados discursos, sem sair da aldeia, já que o único modo de viver era de afazeres domésticos, considerados, por ele, como banais e corriqueiros. Diante do impasse, o protagonista chega à conclusão de rasgar a fotografia. Ressaltamos que a narrativa passa a ter outro estilo discursivo, a enunciação torna-se mais veloz, e somente a mulher tem voz, pois o homem não consegue contar seus “feitos”:

À medida que as virtudes da mulher o sufocavam, as suas vitórias e experiências iam-se transformando em uma massa confusa, desorientada, já não sabendo ele o que fazer dela. Duvidava mesmo se havia partido, se não teria ficado todos estes anos a apenas alguns quilômetros dali, em degredo como ela, mas sem igual poder narrativo. (PIÑÓN, 1973, p. 286).

Observamos, à vista disso, que o conhecimento da mulher não se dá via mundo, ela se afasta do convívio para mergulhar naquilo que não sabia; reflete sobre sua existência, utiliza de sua sensibilidade de modo crítico e aguçado e consegue lidar com suas questões existenciais. Verificamos que a personagem feminina revela ser não aquilo que faz, ela é mais do que dona de casa, uma vez que ser dona de casa não determina o mistério de cada mulher. Na busca por si, a mulher sai do silêncio: “Ela não cessava de se apoderar das palavras, pela primeira vez em tanto tempo explicava sua vida, tinha prazer de recolher no ventre, como um tumor que coça as paredes íntimas, o som da sua voz” (PIÑÓN, 1973, p.286). Com isso, a protagonista diferencia-se, portanto, da figura das Penélopes presentes nas sociedades patriarcais.

O homem enquanto ouve a mulher falar, joga o próprio retrato na lixeira e começa a fazer os deveres domésticos. Dessa forma, ele reconhece a sabedoria feminina e ainda aceita aprender os ensinamentos sobre o mundo que a mulher lhe apresenta:

[...] ele foi arrumando a casa, passou pano molhado nos armários, fingindo ouvi-la ia esquecendo a terra no arrebatado da limpeza. E, quando a cozinha se apresentou imaculada, ele recomeçou tudo de novo, então descascando frutas para a compota enquanto ela lhe fornecia histórias indispensáveis ao mundo que precisaria apreender uma vez que a ele pretendia dedicar-se para sempre. (PIÑÓN, 1973, p.287).

Por fim, a mulher enfatiza o autoconhecimento que conquistou e adquire uma identidade. Por outro lado, embora o homem reconheça as virtudes da esposa, ou que comece a ajudá-la nos afazeres domésticos, isso não anula o tempo em que ela permaneceu isolada, ou precisou da ajuda dos familiares para ter sustento alimentar, e, ainda assim, a mulher o aceita novamente. Isso presume que a mulher nega a tradição em determinadas situações, mas se vê impregnada por ela, visto que a protagonista não consegue desamarra-se do “protótipo burguês” o qual Adorno e Horkheimer mencionam, uma vez que o laço matrimonial não pode ser desfeito. Isso posto, notamos que os costumes enraizados da subserviência do sagrado matrimônio não se apagam facilmente.

4 | INTERCRUZAMENTO DOS CONTOS

Evidenciamos, ao longo do texto, que o diálogo intertextual entre os dois contos é tecido pela composição da subserviência das personagens femininas em relação aos cônjuges, fazendo intertextualidade com a épica homérica. As protagonistas representam uma continuidade de Penélope, com um comportamento submisso, enquanto os protagonistas

representam Ulisses, o protótipo burguês. Diante disso, revelam-se os padrões femininos institucionalizados da sociedade patriarcal que começou a ter representação em Odisseia, conforme Adorno e Horkheimer.

Em “Penélope”, a mulher, ao dedicar-se ao lar, a forma de tecer em silêncio a violência doméstica, mostra que ela não consegue libertar-se da opressão a que estava condicionada, conduzindo-a à morte. Penélope usou do estratagema de desmanchar o que havia tecido, a velha usa do estratagema de suicidar-se na tentativa de deixar o esposo na eterna dúvida.

Em “Colheita”, a personagem que não possuía espaço matrimonial, liberta-se, impõe um discurso e modifica seu caminho de vida. A ausência do esposo é necessária para que a mulher inicie o processo de insubmissão, pois encontra um campo de realizações nunca antes preenchido, e, assim, alcança algum tipo de realização a que nunca tivera.

Outro ponto de intertextualidade entre os contos ocorre pelos conflitos discorrerem no espaço da casa dos casais. As casas são descritas de forma escuras, evidenciando que as mulheres estão presas na escuridão sem conseguirem se achar. Além das duas personagens não terem voz dentro de casa, ficam a cumprir seu papel de donas de casa, ocupam a cozinha, ou a máquina de costura. Nos dois contos, os casais vivem de aparências na sociedade, uma vez que, não há troca de diálogos no espaço que habitam, nem reciprocidade de carinho na convivência.

A partir desses dados, verificamos, portanto, que Dalton Trevisan e Nélide Piñon absorvem o discurso original de “Odisseia”, de Homero refratam a ideia inicial e remontam outro texto, mostrando que na literatura é possível fazer cada vez outra e não cada vez mais. Ao absorverem a épica homérica, inauguram um novo discurso do ensejo matrimonial e trazem, ao leitor, questionamentos a respeito de um matrimônio sob a perspectiva patriarcal. Por fim, o diálogo entre as duas narrativas, mais especificadamente, entre as duas protagonistas, apresenta o eu feminino na constituição das personagens sob a ótica de mostrar a submissão da mulher em um espaço patriarcal, que começou a ser representado na literatura, conforme Adorno e Horkheimer, na personagem Penélope.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. e HORKHEIMER, M. Ulisses ou mito e esclarecimento. In: **Dialética do esclarecimento**. Trad. Guido de Almeida. Rio Janeiro: Zahar, 1985.

BORGES, Jorge Luis. O narrar uma história. In: **Esse ofício do verso**. Trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MOISÉS, Leyla-Perrone. Crítica e intertextualidade. In: **Crítica e escritura**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PIÑON, Nélide. Colheita. In: **Sala de armas**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.

TREVISAN, Dalton. Penélope. In: **Novelas nada exemplares**. 5 ed. Rio de Janeiro: Record 2004.

KRISTEVA, Júlia. **Introdução à semanálise**. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

ZOLIN, Lúcia Ozana. Crítica feminista. In: BONNICI, T; ZOLIN, L. O. (Org.). **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2005.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Amor 5, 7, 17, 19, 20, 34, 35, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 76, 86, 87, 89, 90, 97, 100, 101

Artes Musicais 71

Artes plásticas 71, 72, 75, 77

B

Bruxa 5, 8, 47, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117

C

Classe Social 5, 52, 53

Criação Coletiva 5, 92, 94, 95, 99

Crise 58, 78, 80, 81

Cultura 5, 8, 28, 33, 36, 65, 66, 72, 73, 74, 87, 92, 93, 94, 95, 99, 101, 107, 127, 132, 140, 141, 147, 148

D

Dialogismo 5, 128, 130, 142

Discurso 5, 8, 3, 6, 9, 12, 13, 16, 23, 37, 46, 47, 50, 82, 83, 88, 92, 98, 99, 100, 121, 129

Dominação 1, 14, 20, 21

E

Edificação 59

Ensino 5, 43, 44, 92, 94, 97, 120, 128, 129, 131, 132, 141, 142, 143, 144

Épica 13, 14, 16, 22, 23, 151

Etnia 5, 52, 53, 54, 55, 56, 118, 126, 127

Exílio 5, 27, 34, 38

Experiência 47, 53, 57, 79, 85, 115, 118, 126, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142

Experimentalismo 5, 78, 81, 87, 89, 90

Exploração 5, 1, 2, 3, 6, 8, 10, 11, 120, 121, 131

Exportação 1, 2

F

Família 30, 35, 36, 43, 44, 46, 47, 49, 54, 55, 105, 116, 118, 121, 122, 124

Fenômeno cultural 5, 8, 102, 103, 105, 107

Fontes 23, 71, 72, 82, 87, 143

G

Gênero 5, 28, 37, 43, 52, 53, 56, 66, 75, 78, 79, 80, 81, 87, 92, 97, 98, 118, 122, 125, 126, 134, 140, 146

Guerra 20, 29, 30, 36, 39, 40, 42, 52, 53, 86, 122, 124

H

História 1, 2, 3, 5, 6, 11, 12, 15, 16, 18, 21, 23, 27, 36, 37, 38, 41, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 53, 59, 61, 62, 63, 65, 71, 72, 76, 82, 89, 97, 102, 103, 104, 109, 113, 115, 116, 120, 122, 125, 129, 130, 132, 135, 140, 143, 144, 146, 148, 151

I

Intertextualidade 5, 13, 14, 16, 18, 19, 22, 23, 25, 37, 41, 50, 84, 87, 130, 136

Ironia 5, 25, 37, 41

L

Leitor 23, 28, 36, 40, 41, 44, 46, 48, 49, 51, 53, 54, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 71, 75, 77, 79, 82, 83, 84, 85, 86, 90, 92, 104, 105, 106, 118, 121, 122, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 147

Leitura 5, 7, 2, 27, 28, 36, 40, 44, 46, 55, 59, 60, 61, 62, 63, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 76, 79, 83, 85, 86, 87, 89, 93, 94, 95, 97, 100, 105, 106, 108, 109, 110, 118, 119, 120, 124, 126, 127, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 147

Letramento literário 5, 51, 128, 136, 142, 144

Literatura brasileira 25, 40, 41, 44, 149, 150

Literatura de Cordel 5, 92, 93, 94

Literatura Exigente 25, 28, 29, 40, 41

Literatura Infantil 50, 102, 108, 118, 143

M

Mal 17, 33, 38, 54, 62, 74, 86, 96, 98, 103, 108, 109, 110, 111, 112, 146

Memória 39, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 51, 58

Metaficção Historiográfica 5, 25, 28, 37, 41

Mulher 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 35, 37, 48, 49, 55, 56, 92, 97, 98, 109, 111, 114, 116, 145, 146, 147, 148, 149

Música 5, 7, 36, 71, 75, 76, 77, 93, 141

O

Ocidente 5, 7, 52, 54, 56, 57, 58, 147

Opressão 5, 1, 3, 4, 7, 8, 9, 23, 98, 148

Oriente 5, 7, 52, 53, 54, 56, 57, 58

P

Paródia 5, 25, 37, 41, 148

Pintura 5, 7, 26, 32, 42, 59, 71, 72, 73, 76

Poder 1, 2, 4, 6, 15, 22, 33, 37, 38, 53, 54, 55, 65, 90, 103, 111, 116, 117, 133, 136, 140

Poesia 16, 28, 30, 36, 38, 39, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 89, 90, 91, 94, 100

Polifonia 5, 25, 28, 31, 37, 75, 78

Preconceito 5, 92, 97, 99

Prosa 11, 16, 28, 36, 41, 44, 46, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 90, 91, 99

R

Reflexão 28, 44, 45, 48, 51, 57, 72, 89, 90, 107, 118, 129, 132, 142

Resistência 5, 7, 1, 10, 125, 149

S

Submissão 13, 15, 23, 43, 52, 71, 78, 92, 128

Sujeição 13

Supremacia 52, 58

T

Teoria da literatura 5, 8, 128

Terror 8, 52

Testemunho 5, 1, 2

Tradição Oral 92, 93

Matizes na Literatura Contemporânea 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021

Matizes na Literatura Contemporânea 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021